

Universidade do Estado do Amazonas  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Colegiado de História

**A pentecostalização do campo religioso parintinense: uma análise do caso da  
Igreja Carcerária**

---

Alain Martins Pereira  
Diego Omar da Silveira (orientador)

**Resumo:** O presente artigo é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no ano de 2006/17. Observamos a igreja evangélica carcerária que foi fundada em 2001 na unidade prisional local por um ex-detento. Essa igreja cujo templo é um espaço improvisado entre os muros e as galerias tem por objetivo oferecer auxílio espiritual aos encarcerados amparados por uma sociabilidade espiritual juntamente com o apoio às famílias. Além disso, nos últimos anos as igrejas evangélicas pentecostais vêm se revezando na instituição carcerária com a intenção de propagar a mensagem bíblica aos reclusos os encontros acontecem geralmente aos finais de semana e são acompanhados de ações sociais. As análises oferecem uma abordagem geral da atuação pentecostal na unidade prisional que antes eram monopólio da pastoral católica carcerária.

**Palavras-chave:** Pentecostais. Igreja. Carcerária. Parintins.

O pentecostalismo tem sido interpretado como um dos maiores fenômenos religiosos do cristianismo protestante no Sec. XX. Esse movimento tem chamado a atenção por reunir um grande contingente significativo de adeptos em todo o mundo. Nas últimas décadas, cientistas sociais tem se empenhado em estudar os seus aspectos demográfico-religioso e político-social sob diferentes ângulos. Aderi de Souza Matos (2005) argumenta o pentecostalismo “acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muita das vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa” (p. 24).

No Brasil, o pentecostalismo surgiu precisamente em meados do ano de 1910, sob investida de missionários estrangeiros. O sociólogo Paul Freston (1994) chama a atenção para o movimento pentecostal brasileiro e o diferencia em “três ondas”: a primeira se deu com as igrejas congregação cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). Elas predominaram durante aproximadamente 40 anos, está última foi quem mais destacou. A “segunda onda” foi a partir dos anos 50 – 60, quando surgiram novos movimentos ligados ao pentecostalismo clássico, como por exemplo: igreja do evangelho Quadrangular; igreja evangélica pentecostal o Brasil para Cristo; igreja pentecostal Deus é amor. Esse período coincide com urbanização e o crescimento das grandes cidades brasileiras. Já a “terceira onda” é precisamente apontado para os anos 70 e 80 com o surgimento de movimentos denominados – neopentecostal. Por conta disso, destacaram-se denominações, como por exemplo: universal do reino de Deus; igreja internacional da graça de Deus; igreja renascer em Cristo; comunidade sara nossa Terra; igreja paz e vida e dentre outras. Nesse período, o movimento pentecostal ganhou visibilidade e as lideranças carismáticas dessas denominações investiram maciçamente na construção de templos visando atender os grupos de evangelismo periféricos capazes de proporcionar sociabilidade aos novos convertidos e oportunidade diaconais na comunidade pautados em fundamentos teológicos para prosperidade material e espiritual. Além disso, essas igrejas elaboraram novos métodos de evangelismo para recrutar fiéis através dos canais de rádios, televisão e a inseriram seus líderes na política partidária. Em síntese, o pentecostalismo tem ganhado força e arrebanhado fiéis, cujo o perfil socioeconômico é de extrema pobreza sujeitos oriundos das periferias das cidades brasileiras. (Mariano, 2008).

Nas últimas décadas, o pentecostal vem ocupando espaços nas instituições destinadas ao cumprimento de pena, e isso tem chamado a atenção de estudiosos tanto nas academias que tem produzido uma diversidade de estudos (sócio-

antropológicos) sobre a temática, e os meios midiáticos que com recorrência destacam o papel das lideranças evangélicas dentro das prisões.

De acordo com Antônio Carlos da Rosa Silva Junior (2015), essa descoberta mais ou menos recente tem a ver com uma série de fatores. O primeiro deles é que “antes da redemocratização do país, em 1988 poucos se conhecia e investigava sobre os meandros dos locais destinados ao cumprimento das penas no Brasil”. Outros dois aspectos que merecem ser observados são as multiplicações das igrejas pentecostais a partir dos anos 1990 e o expressivo crescimento das lideranças carismáticas no interior dessas igrejas, muitas delas apresentando fortes testemunhos de conversão e vida pregressa no mundo do crime. De modo geral, o ímpeto da missão evangélica pentecostal se deu em seus momentos iniciais entre a população de mais baixa renda, carente de novas formas de sociabilidade religiosa (mais próximas e efusivas) e de uma teologia que legitimasse a ideia de uma possível prosperidade, alcançada, ao mesmo tempo, pela graça de Deus e pela conseqüente mudança de vida. Como aponta Edileuza Santana Lobo (2005b), por esse motivo o pentecostalismo foi rapidamente difundido nas prisões, onde o cotidiano de violências físicas e simbólicas emoldura condições precárias de vida. De algum modo, as igrejas sempre estiveram presentes entre os encarcerados através das crenças individuais de cada um ou por meios de pastorais carcerárias que se limitavam, na maioria das vezes, a ação de assistência pontual aos presos e a denúncia sobre a perversidade do sistema carcerário. Com a entrada dos pentecostais, duas novas ideias aparecem se estruturar: a santificação de vida de homens e mulheres presos pela força da palavra bíblica e a estruturação de um cotidiano religioso, articulados pela conjuração de pastores que vêm de fora (para visitas e pregações) e de obreiros que mantêm atividades religiosas constantes dentro das unidades prisionais.

A conversão ao pentecostalismo em ambientes prisionais é repleta de significados – bandidos tem seus crimes perdoados, são purificados e transformados em obreiros e quando deixam a prisão são requisitados por igrejas evangélicas por conta do seu testemunho de vida, mas também tem despertado a atenção de críticos por conta da relevância das conversões pela qual estariam “se escondendo atrás da bíblia” (Scheliga, 2005, p.59). Por outro lado, “tem sido compreendido como iniciativa que produz efeito na vida do preso, uma vez que os agentes religiosos, no contato diário com eles e conhecendo as limitações da sobrevivência na prisão, acabam ultrapassando a fronteira religiosa, atuando também em outras dimensões sociais das prisões (Lobo, 2005, p.73).

Parintins é o segundo maior município do estado do Amazonas, e sua história oficial está atrelada à Igreja Católica. As transformações contemporâneas no campo

religioso têm imposto, entretanto, resistências a essa visão principalmente com o crescimento dos evangélicos. Até pouco tempo atrás a maioria das obras sociais e do conforto espiritual aos doentes, abandonados e encarcerados estava nas mãos das pastorais católicas carcerárias. Recentemente isso tem mudado. Este artigo é fruto de um projeto de iniciação científica desenvolvido no ano de 2016/17<sup>1</sup>. Investigamos a igreja evangélica carcerária fundada em 2001 por um ex-detento. Essa igreja de acordo com sua liderança tem por objetivo ajudar os presos na difícil tarefa de pagar suas penas para, depois, reencontrarem seus lugares na sociedade, amparados por uma nova sociabilidade religiosa. Seu templo é um pequeno espaço improvisado (entre os muros e as celas) aonde são promovidas as reuniões geralmente aos finais de semana<sup>2</sup> e contam com o apoio de lideranças de igrejas pentecostais que prestam assistência na unidade prisional.

Através das práticas da “observação” que na perspectiva desenhada Marina Marconi e Eva Lakatos (2003) “ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mais que orientam seu comportamento” e ainda, “É o ponto de partida da investigação social” (p.190), buscamos subsídios para visibilizar a pentecostalização do campo religioso parintinense traves da igreja carcerária. No caso em questão, a observação é ainda mais importante porque os evangélicos pentecostais são, com frequência vistos como “um grupo a parte dos demais presos, destacando-se tanto por sua aparência quanto por sua conduta, radicalmente diferente daquela adotada pela massa carcerária. Essas diferenças, assim como as tensões e os conflitos que envolve sua pertença religiosa, parecem como características próprias desse grupo religioso” (Dias,2005, p.40) e se revelam, portanto, para além dos momentos de cultos e oração. Por isso fizemos o uso conjugado de caderno de campo, gravador e máquina fotográfica (em momentos oportunos), além de entrevista de “história de vida” com detentos e ex-presos que mantém elo com a igreja carcerária. As observações se deram sempre na companhia do pastor e foram registradas tendo em vista as regras das descrições “etnográficas” descritas por Clifford Geertz (2008). Já as entrevistas, foram realizadas sem nenhuma mediação externa, apenas entre pesquisador e interlocutor. Este artigo está dividido em quatro partes: a primeira recorreremos sobre a presença evangélica na unidade prisional e o declínio do monopólio da pastoral católica carcerária; em seguida, apresen-

---

<sup>1</sup> A pesquisa teve duração de 1 ano cujo o título foi “ Igreja carcerária de Parintins (AM): um estudo de caso sobre as religiões na prisão. Na ocasião, buscamos dar visibilidade para o movimento evangélico em ambiente prisional; acompanhamos as lideranças, como de seu fundador um ex-detento.

<sup>2</sup> A igreja evangélica carcerária está localizada na unidade prisional local, é composta por fieis detentos e ex-detentos. Não possui CNPJ.

tamos a história da igreja carcerária (breve biografia) de seu fundador; e por fim, os impactos da igreja carcerária no ambiente prisional local. Apenas muito recentemente estudiosos tem problematizado a questão da diversidade religiosa local. “Temos buscado em nossas pesquisas traçar um quadro amplo do processo de pluralização do campo religioso em Parintins” (Bianchezzi; Silveira,2015a;2015b). Parintins embora ainda muito marcado pela força institucional do catolicismo, merece destaque no cenário atual o crescimento explosivo dos evangélicos, que aos poucos ocupam espaços antes reservados aos católicos, inclusive na assistência a parcela mais carente da população. Do ponto de vista social, o reconhecimento da diversidade é um dos pilares sobre os quais está alicerçado o projeto de uma sociedade democrática e que permita, igualmente, a participação de todos os cidadãos, por outro lado, do ponto de vista acadêmico, a este estudo investe em sujeitos ainda pouco estudados em Parintins: os evangélicos especialmente os pentecostais. Estigmas e preconceitos ainda pesam sobre ambos os grupos e esta pesquisa qualitativa no campo das ciências humanas pode colaborar diretamente para mudar esse quadro, propondo reavaliações cuidadosas de antigos consensos sociais forjados sobre desigualdades e privilégios.

## **2. A presença evangélica pentecostal na Unidade Prisional de Parintins**

A unidade prisional de Parintins é uma das nove instituições carcerária do interior do Estado do Amazonas, foi adaptada de delegacia para presidio no ano de 2001. Possui capacidade para abrigar 36 detentos (32 homens e 4 mulheres). No entanto, sua população carcerária em média é de 198 a 208 detentos<sup>3</sup>. Sua estrutura física é composta por 4 galeria, cada uma com aproximadamente 4 celas. O presidio dispõe ainda de uma sala administrativa, cozinha interna, e uma sala improvisada que funciona como escola (Vitório Barbosa) vinculada ao município que oferece educação na modalidade EJA (educação de Jovens e adultos) além de espaços internos improvisados para práticas recreativas e reuniões internas. No presidio parintinense podemos encontrar várias manifestações de denominações evangélicas pentecostais que almejam a conversão das almas aprisionadas. Elas realizam cultos, estudos bíblicos, distribuem bíblias e livretos com mensagens religiosas. As reuniões geralmente são promovidas aos finais de semana onde cada igreja tem seu dia e horário específico de culto estabelecido em cronograma<sup>4</sup> trimestral elaborado pela administração da unidade prisional que fica anexado no portal da unidade prisional. Vejamos.

---

<sup>3</sup> Informações obtidas na administração da unidade prisional através dos relatórios mensais internos.

<sup>4</sup> As igrejas relacionadas que evangelizam em dia de sábado também podem convidar outras denominações para o evangelismo interno desde que cumpram o horário de culto estabelecido pela administração do presidio que é das (07:00h as 09:00h).

CALENDÁRIO DE ENTRADA DAS IGREJAS NESTA UNIDADE PRISIONAL	
07/07/2018 (SÁBADO)	IGREJA CATOLICA
14/07/2018 (SABADO)	I.E.A.D. GIDEOES
21/07/2018 (SÁBADO)	IGREJA CARCERARIA
28/07/2018 (SABADO)	IGREJA ADVENTISTA 7º DIA
04/08/2018(SÁBADO)	IGREJA CATOLICA
11/08/2018 (SABADO)	I.E.A.D. GIDEOES
18/08/2018 (SÁBADO)	IGREJA CARCERARIA
25/08/2018(SABADO)	IGREJA ADVENTISTA 7º DIA
01/09/2018 (SÁBADO)	IGREJA CATOLICA
08/09/2018(SABADO)	I.E.A.D. GIDEOES
15/09/2018(SÁBADO)	IGREJA CARCERARIA
22/09/2018 (SABADO)	IGREJA ADVENTISTA 7º DIA
29/09/2018(SABADO)	IGREJA CATOLICA

**Figura 1:** Relação das igrejas responsáveis pelo evangelismo interno na Unidade Prisional durante os meses de julho a setembro de 2018

Esses encontros muitas das vezes são acompanhados de assistências sociais promovidas pelas lideranças religiosas juntamente com o apoio das famílias de detentos, e têm chamado a atenção e contribuído inclusive para a conversão de presos católicos que geralmente são alvos de evangelismos pelas lideranças das igrejas evangélicas pentecostais e até mesmo dos próprios fiéis detentos evangélicos. Desta forma, quer pelo suprimento das “necessidades materiais dos internos” ou pela boa conduta dos novos fiéis, as lideranças evangélicas têm acabado por constituir “uma parcela informal com os diretores” e agentes penitenciários (Lobo,2005b, p.74), até mesmo ocupando muitas das vezes o lugar do Estado. As lideranças evangélicas desempenham um papel atuante de evangelismo interno na unidade prisional de Parintins e ocupam em grande maioria se revezam em levar mensagem bíblica para os reclusos.



**Figura 2:** Líderes de igrejas evangélicas durante visita na unidade prisional. Acervo da Igreja Carcerária (2017)



**Figura 3:** Culto realizado pela Igreja Assembleia de Deus dos Gideões Missionários. Acervo da Igreja Carcerária (2017)

Os cultos são bem participativos, os pregadores geralmente disponibilizam oportunidades para os fiéis fazerem leituras de trechos da bíblia, louvores e hinos, tornando as reuniões emotivo e participativo de maneira que há sempre prioridade e oportunidade para os “bons testemunho” estilo pentecostal eufórico que chama a atenção para o “gloria Deus e aleluia”. Já os católicos quando realizam as missas na unidade prisional mantem o estilo tradicional. Os fiéis geralmente não fazem uso de bíblias, alguns dispõem somente do terço e panfletos litúrgicos e são convidados a participarem dos sacramentos ministrado pelo diácono. As mensagens católicas são voltadas para a família, respeito e a caridade. As lideranças católicas também fazem convite para os fiéis evangélicos, relembram que Deus não faz acepção de pessoa e todos devem estar unidos.

### **3. A história da Igreja Carcerária**

A Igreja Carcerária faz do presídio de Parintins uma terra fértil para semear as boas novas do Reino de Deus. Transforma bodes em ovelhas. Ela mantém suas atividades sobre o controle do pastor que conduz o rebanho sobre constante vigilância a qualquer investida do inimigo. A igreja surgiu em 2001 através de um ex-detento – Raimundo Lucas de Jesus, que cumpriu pena por crime de homicídio. Essa igreja cujo templo é um pequeno espaço improvisado reservado entre as celas tem por objetivo oferecer auxílio espiritual promover a ressocialização e ajudar os presos na difícil tarefa pagar suas penas para, pois, reencontrarem seus lugares na sociedade, amparados por uma nova sociabilidade espiritual.



**Figura 4:** Culto da Igreja carcerária em uma manhã de sábado.  
Acervo da Igreja Carcerária (2016)

Podemos observar a área interna da unidade prisional improvisada pelos detentos evangélicos onde são realizados os encontros.

A igreja carcerária é fruto do evangelismo do grupo IDE da igreja assembleia de Deus, cujo objetivo era prestar auxílio espiritual realizando visitas aos finais de semana na unidade prisional. Tratava-se de um trabalho social desenvolvido por membros da assembleia de Deus e contava com a ajuda de voluntários. Raimundo Lucas de Jesus, na condição de detendo, fez parte desse grupo, inclusive foi desta ação evangelizadora que ele se converteu e se estacou como líder de oração junto aos internos, e mais tarde foi ungido a pastor da igreja carcerária da unidade prisional de Parintins. Sobre a sua conversão ele diz o seguinte: “Deus me levou para presidio para fazer a sua obra. Queria uma mudança de vida mesmo, sabe? Quando eu me converti Procurei buscar no Senhor o que dizia a palavra de Deus - o zelo que Deus tem pela sua palavra. (Pastor Lucas, maio/2017). Camila Nunes Dias (2005) destaca que nessa perspectiva os crentes na condição de prisão quando convertidos “ao pentecostalismo passa a compreender o seu passado no crime como uma transgressão às leis divinas, percebendo, dessa forma, o seu presente – o tempo passado na prisão – como um momento de castigo e, ao mesmo tempo, de aprendizado” (p.43).

As ações voltadas para a religiosidade na unidade prisional de Parintins são de responsabilidade da igreja carcerária juntamente com a administração do presidio. Além dos cultos e palestras, ela organiza datas comemorativas como: dia das mães, dos pais, dia das crianças e o natal do preso de justiça. Para o pastor Lucas, prevalece a “organização religiosa interna”, a igreja carcerária e a administração prisional ela-

boraram inclusive um estatuto para organizar as reuniões religiosas no presídio. O estatuto contém regras como, por exemplo: respeitar aos horários de início e término dos cultos; os líderes das igrejas são proibidos a indagar a vida dos presos de justiça, e devem submeter-se as revistas na entrada do presídio; é vedado a entrada de qualquer aparelho de comunicação; durante os horários de culto é proibido se deslocar para as celas e ter qualquer tipo contato com os presos, e ainda:

7. É expressamente proibido para o (a) irmão seja evangélico, católico, espírita, testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo dia, religião de matriz africana ou outras, promover discussão que possa causar desavenças entre irmão (s) interno.

Exemplo: desavenças sobre crenças fundamentos teológicos.

8. A Igreja Carcerária não faz distinção de qualquer movimento religioso na Unidade Prisional de Parintins. Devemos verificar se estamos levando a frente nossa missão: resgatar vidas através do exercício da fé, promover sociabilidade através de reuniões e estudos bíblicos, devolver a sociedade um varão convertido ao Senhor Jesus (Estatuto da Igreja Carcerária, 2005).

Para a direção do Presídio, o movimento religioso na unidade local tornou-se organizado, e tem contribuído para o bom comportamento dos presos. Marina Oliveira (1978) chama a atenção para impacto da religião na vida de detentos, ainda que sejam “classificados como criminosos irrecuperáveis são, na realidade, indivíduos submersos no próprio desespero, ignorantes de sua condição e do fato de que há, sempre uma possibilidade de mudança, quaisquer que sejam os momentos vividos e o caminho percorrido” (p.33).

O pastor Lucas destaca as dificuldades encontradas quando assumiu a liderança da igreja carcerária que contava com um pequeno rebanho. Nas palavras do Pastor:

Foi difícil vigia-las noite e dia contra as ciladas do inimigo. Mas quando os cultos passaram a ser realizados aos finais de semana, foi que o negócio mesmo foi dando certo. E, aos poucos, as ovelhas frutificaram. No presídio, eu sempre tenho um tom de voz que é para conduzir o rebanho, e a outra é para espantar os lobos. Foi com muito sacrifício que conseguimos se organizar mesmo, ganhamos muitos presos pra Jesus lá dentro. (Pastor Lucas / maio 2017).

Podemos perceber nas palavras do Pastor Lucas o desempenho e dedicação na organização do evangelismo. Por conta da organização religiosa no presídio, a igreja carcerária solicitou da administração prisional a entrada de outras instituições evangélicas para promoverem reuniões e estudos bíblicos, isso foi inclusive uma solicitação dos próprios fiéis. Desta forma, os detentos evangélicos recebiam apoio de familiares

e se sentira motivados. As visitas das igrejas evangélicas no presídio foram de tal importância que a igreja carcerária recebeu instrumentos como: caixa de som, pandeiro, violão, bíblias, além e livretos com estudos bíblicos. Para o pastor Lucas, “isso foi bênçãos de Deus. Nós nunca exigimos dos irmãos dízimos e ofertas, tudo o que nós temos veio de fora doado pelos irmãos que sempre ajudaram e colaboraram com o trabalho desenvolvido pela igreja carcerária” (Pastor Lucas maio/2017).

Durante os seus 17 anos de trabalho missionário interno, a igreja carcerária teve seus momentos de tribulação, o pastor Lucas destaca que em certos momentos sentiu vontade de “abandonar o cajado. Aconselhar criminoso não é fácil”. Foram vários os impecílio como por exemplo, a falta de um espaço mais amplo para a realização das reuniões que eram improvisadas, que muitas das vezes causavam desconforto para os fiéis e para as igrejas que visitavam o presídio. Por conta disso, a administração do presídio percebeu a reivindicação dos fiéis e disponibilizou uma área interna no pátio para a realização dos encontros. A intenção foi proporcionar melhor comodidade aos detentos para exercerem o ofício da fé que lhes são garantidos por lei. Para o pastor Lucas, isso foi resposta das orações da igreja. “O material de construção para a construção do templo da igreja carcerária foi tudo doado de alguns irmãos colaboradores de igrejas evangélicas de fora, e os próprios fiéis detentos trabalharam na construção. Melhorou muito agora” (Pastor Lucas, maio/2017).



**Figura 5:** Culto da Igreja Carcerária em uma manhã de sábado.  
Acervo da Igreja Carcerária



**Figura 6:** Culto da igreja carcerária (inauguração do templo)  
Acervo da Igreja Carcerária

Podemos observar o templo em fase de construção, mês de setembro (2016) Podemos observar o espaço mais amplo e a comodidade para a realização dos cultos. Foto – acervo da igreja carcerária

Com o espaço mais amplo os estudos bíblicos passaram a ser promovidos no próprio templo da igreja carcerária que dispõem inclusive de um grupo encarregado para este trabalho nas manhãs de domingo, trata-se de uma espécie de (escola dominical interna). Para Alessandro Bicca (2005, p.94), os presos ao se converterem, “a evangelização dos demais detentos constitui-se como a sua principal missão dentro do presídio”. Nessa perspectiva, ganhar o preso pra Jesus é a principal missão da igreja carcerária na unidade prisional.

#### **4. A trajetória de Raimundo Lucas de Jesus, pastor e fundador da Igreja Carcerária**

Raimundo Lucas de Jesus é natural de Parintins, viveu boa parte de sua infância na comunidade São José, zona rural do município. Filho de pais católicos, descendentes de nordestinos. Além de Lucas, a família teve mais 6 filhos. As ocupações em São José concentravam-se no plantio de juta e na agropecuária. Em 1953, quando tinha 11 anos de idade sua família se mudou para Parintins em busca de melhores condições de vida, e também por conta do falecimento de sua Irmã. No entanto, a vida na cidade exigia da família recursos financeiros para sobrevivência, e Lucas teve que trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Sua mãe faleceu quando ainda estavam recentes em Parintins. Sobre as dificuldades encontradas em Parintins ele ainda nos diz o seguinte:

Quando a mamãe faleceu foi mais uma barreira que nós enfrentamos. Eu tinha praticamente 11 anos e meu irmão caçula estava com um ano e seis meses de vida. Mamãe passou pouco tempo por aqui [Parintins], isso foi uma certa dificuldade tanto para o papai como para nós todos, sabe? Ai, o papai começou a trabalhar por aqui e logo em seguida eu comecei a trabalhar também, nós fomos dividindo as atividades, cada um fazia alguma coisa para ajudar na casa. Os meus irmãos vendiam docinho na rua, sabe? E meu irmão mais velho pescava. E assim nós fomos crescendo (Pastor Lucas, maio de 2017).

As dificuldades encontradas pela família fizeram com que o pai de Lucas elaborasse novos planos para o sustento da casa, e em determinados momentos seus avôs e parentes foram fundamentais em prestar assistências diversas. Nas palavras de Lucas, eles foram uma “boia de escape”. No entanto, seu Pai não conseguiu se adaptar na cidade - ele trabalhava como autônomo. Sua vocação era para a trabalho com a agricultura ramo em que possuía vasta experiências desde os tempos em que residiram em São José. Por conta disso, ele decidiu retornar para a zona rural - comunidade do Zé Açú, (área de terra firme), próximo à Parintins. Sobre o retorno para a zona rural, o pastor Lucas nos diz que desta vez, a família investiu no plantio de arroz que possuía grande aceitação no mercado parintinense e outros grãos. Vejamos:

Ele conseguiu um pedaço de terra, e, eu morei uma temporada com eles por lá com a intenção de ajudar o papai, que plantava arroz, feijão, milho, sabe? Nesse período aqui em Parintins o arroz era industrializado, e o papai era um dos produtores de arroz na Comunidade do Zé Açú. Continuei por lá um certo tempo, lá tinha uma escola que ainda existe até os dias de hoje, mas eu não cheguei a estudar nela, estudei só aqui em Parintins porque fui o filho que menos tempo morei por lá...depois o papai adquiriu um pequeno comercio lá no Zé Açú. Tinha uma família aqui [Parintins] que eles pediram do papai para eu ficar com eles, e, eu acabei ficando, trabalhei com essa família, eles possuíam um pequeno comercio de gêneros alimentícios (Pastor Lucas, maio 2017).

Durante o período em que a família de Lucas investiu no agronegócio na comunidade do Zé Açú foi quando ela conseguiu estabilidade financeira. Além disso, ele conseguiu retornar a Parintins para prosseguir nos estudos, foi o período em que Lucas mais frequentou a escola na vida. Estudou no sindicato onde funcionava a escola Hirota Oyama e concluiu o supletivo que era ofertado na época para o ensino fundamental.

Quando completou 16 anos de idade, Raimundo Lucas viajou para Manaus e morou com seus tios paternos, a intenção era oportunidades no mercado de trabalho e dar continuidades nos estudos. Quando completou 18 anos entrou para o exército. Durante sua trajetória no exército trabalhou como auxiliar de serviços gerais se profis-

sionalizou como eletricista, atuou também como motorista de transporte escolar. Após deixar a carreira militar, trabalhou em diversas empresas no polo industrial de Manaus. Nessa época, ele nos diz que “já era independente, morava sozinho, morei por muito tempo em quartos alugados por uma decisão minha mesmo, até mesmo para ver se eu ia ter condições de me manter sozinho, sabe?” (Pastor Lucas, maio 2017).

As perseveranças da labuta logo lhe agregaram resultados positivos e Raimundo Lucas resolveu trabalhar por conta própria e adquiriu uma pequena empresa que prestava diversos serviços terceirizados. No entanto, sua maior atuação foi na área de manutenção industrial (serviços elétricos), foram 15 anos no ramo. Foi a profissão que mais lhe trouxe benefícios materiais e financeiros, inclusive adquiriu casa própria e uma companheira com quem teve filhos, mas se divorciou por conta das desavenças. A separação lhe ocasionou diversos problemas financeiros, chegou a ser internado inclusive no centro de internação psiquiátrico de Manaus por apresentar problemas psíquicos.

Em 1998 Lucas retornou à Parintins e sua vida foi marcada por um crime de homicídio onde foi condenado a cumprir pena durante 4 anos e 8 meses no presídio local. Sobre o crime, ele delata o seguinte:

[...] eu fui funcionar um motor [barco] eu sempre tinha a habilidade de botar para funcionar ele, sabe? Nesse dia a máquina não queria funcionar. Passei praticamente o dia todo mexendo tentando ver possíveis problemas, no motor que me tirou a paciência. E aí, houve um desentendimento, uma confusão entre eu um rapaz dentro do barco agente se ofendeu primeiro oralmente, aí fomos para o confronto físico e ele estava armado. E eu com intenção me proteger peguei uma arma [revolver] e disparei contra ele...a arma era do proprietário do barco. Foi assim que me tornei prisioneiro (Pastor Lucas, maio 2017).

Por conta desse crime, Raimundo Lucas foi indiciado, julgado e condenado. O juiz da comarca de Parintins determinou o cumprimento de pena em regime fechado de 4 anos e 8 meses na unidade prisional local. Durante os primeiros meses na prisão, ele se deparou com inúmeros irregularidades estruturais e administrativas da unidade prisional de Parintins que funcionava em anexo com a delegacia de polícia militar. Lucas possuía inclusive alguns conhecimentos da legislação penal desde os tempos do exército, e percebeu que os seus direitos e do demais presos de justiça não eram atendidos. Ele esclarece alguns fatos. Vejamos:

Eu logo vi que o preso de justiça não tinha alimentação. Aí eu procurei saber com uma promotora pública da época sobre a destinação da alimentação do preso de justiça. Comecei a exigir meus direitos. Houve um determinado dia que os presos se alimentaram de uma sopa, e a ossada ficou jogada no corredor, agente sabe que osso é uma arma...O Estado deve dar as condições para o preso de justiça,

de maneira que ele possa ser reinserido na sociedade. Deve oferecer – educação, trabalho, alimentação, promover ações que possa motivar a socialização sabe? Então essa situação que passamos é preferível a pena de morte, isso era um ato de tortura. Eu fiz diversas denúncias verbalmente sobre as irregularidades do presídio logo quando eu entrei (Pastor Lucas, maio, 2017).

Através da fala de Lucas percebemos além da sua atitude como detento, a situação da instituição carcerária local e a violação dos direitos das pessoas na condição de prisão e ainda, a ausência do estado. As experiências adquiridas quando ainda não era detento fora crucial para este sujeito na prisão, que também botou em prática alguns conhecimentos dos tempos em que era militar sobre questões culturais e religiosas. Ele inclusive argumenta que nos tempos em que esteve no exército havia uma um oficial militar cuja a orientação era voltada para religião. O batalhão oferecia também cursos diversos para incentivo e bem-estar dos soldados cursos antidrogas, primeiros socorros, brigada de incêndio e relações humana.

O *bom* comportamento e as experiências da carreira militar contribuíram para o sucesso e a dedicação ao evangelismo no presídio. O “irmão Lucas” como ficou conhecido após sua conversão, adquiriu respeito e *status* de “homem de Deus” na cadeia, seu perfil de liderança lhe trouxera respeito e prestígio também da administração prisional e das igrejas evangélicas que visitavam o presídio, e no ano de 2001 ele foi consagrado e ungido a pastor pelos próprios líderes evangélicos. Sua missão na cadeia foi de - pastorear o rebanho das ovelhas aprisionadas da unidade prisional de Parintins. Camila Nines Dias (2005 p.62) chama a atenção ao afirmar que para a “administração prisional as práticas religiosas são vistas simplesmente como funcionais, já que seus integrantes, em geral, dão menos trabalho, em termos disciplinares, para os funcionários dessas instituições”.

Alessandro Bicca (2005) ao estudar a honra na relação entre detentos crentes e não crentes em um determinado presídio no Sul do País argumenta que “a honra é adquirida, entre os detentos crentes e não crentes, com o tempo, e em uma relação pessoal, onde a conduta é constantemente avaliada” (p.96). Por conta disso, “O discurso religioso ressignifica a trajetória biográfica do indivíduo, dando novas cores e novos sentidos ao seu passado, presente e futuro; o trabalho e, junto com ele a educação passam a ser visto como vias de retorno à legitimidade social; e, por fim os laços familiares”. (Dias,2005, p.42). Desta forma, Raimundo Lucas de Jesus se dedicou exclusivamente auxílio espiritual para os “irmãos” encarcerado.



**Figura 7:** Pastor Raimundo Lucas evangelizando detentos do regime fechado  
Acervo da Igreja Carcerária (2016)

Uma das características das conversões nas prisões é que os detentos “ao se converterem vem a religião como uma válvula de escape e muita das vezes, “buscam resgatar os laços que, na maioria das vezes, se encontravam estremeçados ou mesmo rompidos” (Dias,2005, p.44). Isso é recorrência da entrada dos pentecostais nos presídios, ultimamente, duas novas ideias aparecem se estruturar: a santificação de vida de homens e mulheres presos pela força da palavra bíblica e a estruturação de um cotidiano religioso, articulados pela conjuração de pastores que vêm de fora (para visitas e pregações) e de obreiros que mantem atividades religiosas constantes dentro das unidades prisionais, foi o caso de Raimundo Lucas, quer pelos suprimentos das “necessidades materiais dos internos” ou pela boa conduta dos novos fieis, as lideranças evangélicas tem acabado por constituir “uma parcela informal com os diretores” e agentes penitenciários (Lobo,2005b, p.74), até mesmo ocupando, as vezes o lugar do Estado em assistências sociais.

##### **5. A atuação da Igreja Carcerária na Unidade Prisional de Parintins**

A igreja carcerária tem buscado promover manifestações religiosas com a intenção de “impactar” detentos crentes e não crentes. Seus cultos são geralmente voltados para compartilhar testemunhos de ex-detentos ex-traficante; ex-homisida; ex-assaltante. Sujeitos que passaram pelo sistema carcerário e tiveram suas vidas convertidas através da palavra de Deus. A participação deles fortalece e chama a atenção dos detentos pela sua conseqüente mudança de vida. Desta forma, pastor Lucas ultimamente tem priorizado a promover os encontros com o objetivo de incentivar principalmente os detentos convertidos em estudos bíblicos.

A igreja carcerária já promoveu inclusive a visita de um missionário ex-trafficante do PCC (primeiro comando da capital) que promovia uma cruzada evangélica no Estado do Amazonas. Ele foi requisitado pelo pastor Lucas para compartilhar seu testemunho de conversão e aconselhar aqueles que ainda encistem nas investidas do submundo do crime. Além disso, a igreja carcerária tem oferecido inúmeras oportunidades para obreiros e pregadores itinerantes ex-detentos da unidade prisional de Parintins que tiveram ligação com igreja carcerária. Além dos cultos dentro do presídio, a igreja carcerária juntamente com a administração prisional tem promovido palestras e ações sociais voltadas para higiene bucal; doenças sexualmente transmissíveis e incentivos a leitura. Essas ações sociais geralmente tem a participação das famílias dos internos. Desta forma as manifestações de grupos religiosos voltados para a ressocialização no cárcere “fornece ao preso, em suma, a possibilidade de estabelecer laços especiais que o vincule novamente à sociedade e que dê sentido à sua pertença social” (Dias,2005, p.45). As atividades desenvolvidas pela igreja carcerária no presídio tem chamado a atenção, e relevante. Para estes sujeitos a igreja interna possui atuação divina o pastor Lucas é o “profeta do Senhor”, homem que goza do respeito e submissão do rebanho que além de incentivar os detentos para o ofício fé, busca promover a socialização interna. Os fiéis detentos testemunham e ilustram a atuação da igreja interna e o trabalho desenvolvido pelo pastor Lucas. Vejamos:

o pastor dá bom-dia pra nós, e ele sempre pergunta como nós estamos aqui .De vez enquanto ele traz livro pra nós, bíblia, sabonete, material de higiene pessoal, coisas básicas que agente precisa no dia – dia (Detento - dez/2017).

Fui lavado pelo sangue do cordeiro ao aceitar Jesus. Agora sou nova criatura louvado seja Deus. Participo da igreja aqui com o pastor Lucas, faço estudo bíblico com os irmãos, e, o culto aqui é animado mesmo. Todos os irmãos participam... aqui agente ter um líder, uma pessoa religiosa é muito importante mesmo (Detento – dez /2017).

Varão, agora nós temos violão, pandeiro, caixa e som... Agente faz o culto bem animado para o Senhor só ele é digno de louvor. Aqui conheci a palavra de Deus, e estamos levando a vida ne? Muita gente aqui que nem sabia quem era Deus agora está sabendo e principalmente como ele pode mudar a situação do homem graças a Deus por isso (Detento - Dez/2017).

Essas simples ações fazem com que estes sujeitos se sintam acolhidos muitos deles até mesmo não recebem assistência familiar e tem a igreja como único refúgio social É através da igreja carcerária que recebem atenção, são aconselhados sobre suas vidas, envolve-se de forma direta quando são convertidos ao pentecostalismo.

Podemos perceber nos testemunhos destes sujeitos a atuação interna da igreja carcerária que através do evangelismo e sentem-se motivados e incentivados principalmente por familiares para (re) praticar princípios morais tradicionais da sociedade como – respeito, amor ao próximo, abandono das drogas, e demais vícios que outrora lhes corrompiam a vida. Sendo assim, Camila Nunes Dias (2007) destaca que “o grupo religioso oferece a esse indivíduo a possibilidade de se sentir parte integrante de uma comunidade, de estabelecer laços sociais que o vincule novamente à sociedade e que dê sentido à sua pertença social” (p. 223).

A igreja carcerária tem produzido inúmeros discípulos ex-detento que testemunham em igrejas periféricas sua conversão na cadeia. Esses “obreiros” como são conhecidos desfrutam da liberdade e adquiriram o respeito da massa carcerária e passaram a ser conhecidos como “irmão”. Sobre essa perspectiva Antônio Carlos da Rosa Silva Junior (2013) “o preso-pecador, deve se emendar corrigir suas condutas, afim de que retorne recuperado para o convívio social, aliás o mesmo eufemismo pelo qual o preso é tratado recuperado já traz em sim uma voz moral” (p. 44). O testemunho desses sujeitos os acompanha:

Eu fui parar no presídio por crime homicídio, passei quatro anos lá dentro. Foi lá, no presídio que eu conheci Jesus. Teve um dia que não resisti...fui evangelizado através do pastor Lucas, que sempre me deu a maior força. Deus mudou minha vida, passei a participar da igreja carcerária com o apoio do pastor Lucas e dos demais irmãos que me ajudaram. Hoje tenho minha família, meu emprego...graças a Deus (Ex-detento, Dez/ 2017)

Eu fui preso por tráfico de drogas, e passei três anos no presídio. Deus falava comigo por intermédio das pessoas que iam pregar no presídio, era pra eu abandonar aquela vida, e me entregar para o Senhor Jesus...E foi o que eu fiz... Entreguei minha vida pra Jesus, foi a melhor coisa que fi na minha vida, passei a participar da igreja carcerária com os irmão lá dentro... agora eu sou missionários da igreja missão apostólica (ex-detento, Dez/ 2017).

Eu era do mundo do tráfico de drogas. Fui preso passei cinco anos e meio no presídio, lá eu ainda usava drogas maconha num dava importância para os irmãos que iam lá pregar... o pastor Lucas sempre me conversava comigo, me aconselhava foi, foi, foi, até que eu entreguei a minha vida pra Jesus...eu não queria, mas aquela vida... depois eu comecei a fazer os estudos bíblicos, participava dos cultos com os irmãos da igreja carcerária, e tudo mudou pra mim. O que eu posso dizer é que essa vida de marginalidade, o único destino é o inferno. Hoje sou da igreja evangélica apostólica aliança com Cristo...sou dirigente e missionário tenho minha casa minha família. Glória a Deus! (ex-detento, Dez /2017).

## 6. Referências Bibliográficas

BICCA, Alessandro. "A honra na relação entre detentos crentes e não crentes". In: **Revista Debates do NER**. Dossiê Religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n. 8, julho/dezembro de 2005. pp. 87-98

BIANCHEZZI, Clarice & SILVEIRA, Diego Omar. "Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para estudo da diversidade religiosa na Amazônia". In BIANCHEZZI, Clarice (et. al.). **Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas**. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015.

\_\_\_\_\_. "Vozes do religioso: memórias e histórias da diversidade religiosa do baixo Amazonas". In: **Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis:UFSC,2015

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Políticas Criminal e Penitenciária Resolução nº 5, de 19 de Julho de 1999. Disponível em: <http://www.mj.gov.br>. Acessado em: 18 de fev. 2013.

CORTÊS, Mariana Magalhães P. "Necessidade, violência, liberdade e prosperidade: a conversão religiosa de ex-criminoso para as denominações pentecostais" In: **Plural**-Revista do curso de Pós-graduação em sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 10,2º semestre de 2003. Pp.49-76.

\_\_\_\_\_. **O bandido que virou pregador**. São Paulo: HUCITEC,2007.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. "Evangélicos no cárcere, representação de um papel desacreditado". In: Revista Debates do NER. Dossiê Religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n. 8, julho/ dezembro de 2005. p. 39-55.

\_\_\_\_\_. "Conversão evangélica na prisão, sobre ambiguidade, estigma e poder". In: **Plural** – Revista do curso de pós-Graduação em sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 13, 2º semestre de 2006. pp. 85-110.

\_\_\_\_\_. "Análise da manutenção da identidade evangélica na prisão a partir de uma perspectiva interacionista, focalizando tensões e ambiguidades". In: **Ciências Sociais y Religión**. Porto Alegre: ACSRM, ano 9 nº9,2007. pp. 217-240.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Ihe interpretation of cultures. Rio de Janeiro: LTC,2008.

KRONBAUER, Jaime Luiz. **O crente e o cárcere**. Estudo Sociológico sobre evangélicos em prisões gaúchas. Dissertação (mestrado em ciências sociais). Porto Alegre: PUCRS

LIVRAMENTO, André Mota do. **Homens encarcerados, assistência religiosa e estratégia de vida na prisão**. Dissertação (Mestrado em psicologia). Vitória: UFEP, 2012

LOBO, Edileuza Santana. "Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro". In: **comunicações do ISER**: Rio de Janeiro: ISER, N. 61, 2005ª. pp. 22-29

\_\_\_\_\_ “Ovelhas aprisionadas, a conversão religiosa e o rebanho do Senhor nas prisões”. In: **Revistas debates do NER**. Dossiê religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6 n. 8 julho/dezembro de 2005b. pp. 73-85

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, Alderi Souza. *O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. In: Fides Reformata, vol. 11, nº 2, Dezembro / 2006, pp 23-50.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. *Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos*. In: Revista de Estudos da Religião. Dezembro de /2008/ pp. 68-95

MONTES, Maria Lucia. **As figuras do sagrados**. Entre o público e o privado na religiosidade Brasileira. São Paulo: claro enigma, 2012.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 70.

OLIVEIRA, Marina Marigo Cardoso de. **A religião nos presídios**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

PASSOS, Joao Décio. Pentecostais: origem e começo. São Paulo: Paulinas, 2005.

QUIROGA, Ana Maria. “Religiões e prisões no Rio de Janeiro, presença e significados”. In: **comunicações do ISER**. Rio de Janeiro: ISER, n. 61, 2005. pp. 13-21.

RODRIGUES, Gilse Elisa. “Transgressão, controle social e religião, um estudo antropológico sobre práticas religiosa na penitenciária feminina do Estado do Rio Grande do Sul”. In: **Revista debates do NER**. Dossiê religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n. 8, julho/ dezembro de 2005. pp. 9-20.

SANCHIS, Pierre. “O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”. In: HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe**. 1945-1995. O debate Metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995. pp. 81-131

\_\_\_\_\_ “O campo religioso contemporâneo no Brasil” In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto (Orgs). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997. pp. 103-115.

SCHELIGA, Eva Lenita. “Sob a proteção da Bíblia? A conversão ao pentecostalismo em unidades penais paranaenses”. In: **Revista debates do NER**. Dossiê Religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n 8, julho dezembro de 2005. pp. 57-71.

\_\_\_\_\_ “Trajetória religiosa e experiências prisionais, a conversão em uma instituição penal”. In: **Revista Comunicação do ISER**. Rio de Janeiro: ISER, n. 61, 2005. pp.75-85.

SILVA JUNIOR, Antônio Carlos da Rosa. **Recuperação religiosa de presos, conversão moral e pluralismo religioso na APAC.** Dissertação (mestrado em ciências da religião). Juiz de Fora: UFJF, 2013.

**Entrevista:**

JESUS, Raimundo Lucas. **Depoimento** concedido a Alain Martins Pereira, Maio de 2017. Parintins (AM)